

Funcionalidade dá lugar a *status*

Expansão renega modelo de moradia de superquadras pioneiras

ELIANE OLIVEIRA
Da Editoria de Cidade

O tempo não passa em Brasília. Voa. Prova disso é a intensidade do crescimento urbano e populacional, que os "profetas" do final da década de 50 não puderam prever. Embora a evolução tenha acontecido em diferentes fases, a velocidade de transformações, adaptações e surpresas fez com que os habitantes "voassem" junto com a cidade.

"A implantação de Brasília deu-se em prazo muito reduzido e com tomadas de decisões aceleradas", afirma a arquiteta Iêda Barbosa, do Iphan Pró-Memória. Sua afirmação está estritamente ligada ao processo de construção das superquadras, feito em etapas distintas. A diferenciação entre elas é acentuada, mas quem é pioneiro não esquece das primeiras que surgiram na capital.

PIONEIRISMO

Projetada por Oscar Niemeyer, a 108 Sul foi a primeira superquadra criada em Brasília. O arquiteto teve por base os modernos princípios defendidos por Le Corbusier: o uso de pilotis, liberando o solo para usufruto público e sustentando a massa superior. Sílvio Cavalcante, do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do DF (DePHAN-DF), acha que por ser a primeira experiência ocorrida em Brasília, a localidade possui significativo valor histórico e cultural.

Se hoje a Asa Sul está completa e, na Asa Norte, faltam ainda algumas quadras que, após construídas, serão ocupadas rapidamente, no início da década de 60 a realidade era outra. O centro da cidade se constituía num "miolo" formado por 9 superquadras: 105, 305, 106, 306, 107, 108, 308, 208 e 206 Sul. Elas foram edificadas por instituições previdenciárias, representando categorias distintas, como funcionários públicos, co-

merciários e industriários, que receberam recursos do Governo.

Dos brises nas sacadas (dando origem às chamadas "casas de pombos") e das varandas projetadas de forma discreta, hoje os prédios se sofisticam ainda mais, devido à valorização do terreno. "O processo de privatização promoveu a perda do sentido básico. Atualmente, o status ganha da funcionalidade", diz Iêda Barbosa.

As quadras iniciais superam as demais pela funcionalidade e maior arborização. De acordo com a arquiteta, a entrada da iniciativa privada acarretou uma vinculação menor da construção ao Estado. E a valorização do solo no Plano Piloto estabelecia dois tipos básicos de áreas: as de grande valor imobiliário e as que atendiam à popularização dos espaços, consagrando-se a sublocação dos imóveis.

Iêda Barbosa lembra, ainda, outro momento anterior à privatização. A oferta de habitações no Plano Piloto era muito pouco diversificada, se comparada às outras cidades brasileiras. "Fez-se inevitável, cedo ou tarde, a expulsão das camadas da população de menor poder aquisitivo". Uma das primeiras situações a exigir solução imediata resultou na criação das habitações econômicas (quadras 400 e 700), que não foram previstas da forma como se realizaram: numerosas, situadas também no Plano Piloto, "onde, pela proposta original, não haveria estratificação social e onde a obtenção do imóvel obedeceria a critérios funcionais".

Outra forma de resolver o problema, desta vez a longo prazo, foi a de afastar do Plano Piloto o enorme contingente populacional para as cidades-satélites que, pela proposta original, só viriam a existir após a saturação da capital: "Brasília iniciava, dessa forma, seu processo de transformação, onde começava também a entrada da iniciativa privada".

FOTOS: F. GUALBERTO



SQS 308 mantém-se como padrão de planejamento, apesar da falta de obras de conservação



Hilda Lopes usufrui há 27 anos dos generosos espaços e do verde da 107 Sul

A vizinhança esquecida

Ao projetar o Plano Piloto, Lúcio Costa pensou em criar unidades espaciais definidas que oferecessem aos habitantes da cidade condições favoráveis de vivência, contendo todas as comodidades urbanas possíveis para facilitar a vida dos moradores. Nasceu a idéia das unidades de vizinhança, distribuídas a cada quatro superquadras. O projeto, no entanto, só foi consolidado nas quadras 107, 307, 108 e 308 Sul.

Como equipamentos específicos de cada quadra, foram propostas edificações destinadas a jardim de infância e escola-classe, localizados em pontos equidistantes dos blocos residenciais. O urbanista objetivava atender à população infantil, levando em conta a faixa etária dos usuários, a demanda, a proporção, volumetria e cor adequadas ao todo construído e a paisagem natural. Já os de uso comum às quatro superquadras, como a escola-parque, o cinema, o clube esportivo e social e o comércio local ficariam em pontos de confluência dos núcleos habitacionais.

MODELO

Segundo o diretor do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do DF (DePHA-DF), Sílvio Cavalcante, o comércio

das entrequadras se destinaria ao abastecimento imediato, incluindo padaria, acougue, farmácia e pequenas lojas. Consta do projeto uma igreja e, entre uma unidade de vizinhança e outra, um cinema ou um clube: "Pena que a única construída por completo, modelo das demais, foi a da 107, 307, 108 e 308".

Nessas, os usuários podem dispor ainda de postos de saúde e policial, correio, banca de jornal e posto de gasolina. "A maioria dos equipamentos de uso comunitário representa, por isto, edifícios de profundo valor histórico e cultural, tanto por sua época de construção, como por sua importância em termos de materialização de idéias, defendidas pela parcela mais importante de arquitetos ligados ao Movimento da arquitetura moderna brasileira e mundial", afirma Cavalcante.

Dá como exemplo a igreja N.S. de Fátima, projetada por Oscar Niemeyer e inaugurada em 20 de junho de 58, para atendimento restrito à população local: "Tornou-se prontamente um significativo ponto de referência no contexto dos setores habitacionais, em função de sua forma, volume e solução estrutural peculiar, o que justifica o seu tombamento em abril de 82".

Abandono corrói área que encantou Sua Majestade

Do ponto de vista urbanístico, a Superquadra 308 Sul é a melhor concebida de Brasília. Projetada pelo Banco do Brasil, com participação do paisagista Burle Marx, reúne, à exceção do comércio local, tudo o que um núcleo habitacional poderia desejar: escolas e jardim de infância, postos de saúde e policial, biblioteca, clube unidade vizinhança, posto de gasolina e supermercado, localizados estrategicamente, além de ser bastante arborizada e permitir, em sua estrutura, acessos fáceis para os pedestres.

Próxima à Igreja Nossa Senhora de Fátima, a quadra constitui-se num ponto obrigatório de visitação turística. "Quase que diariamente chegam ônibus com visitantes em nossa quadra", conta Edilson Nepomuceno, 61 anos, funcionário aposentado do Banco do Brasil e há 22 anos residindo no bloco A: "O jardim de infância daqui é considerado modelo e já recebeu até a presença da rainha da Inglaterra, Elizabeth II".

ABANDONO

A 308 conta, ainda, com outras peculiaridades, como os espelhos d'água e o fato de possuir, junto com a 314 Sul, prédios de quatro andares misturados aos de seis pavimentos. Mas os moradores reclamam da má conservação do local. "Está tudo abandonado", disse uma mo-

radora de 25 anos, que preferiu não se identificar. Edilson Nepomuceno reclama dos feirantes que vendem as mercadorias na entrada da quadra, e "que estão acabando com o gramado", da falta de iluminação e dos fundos do comércio local. "utilizados como locais de lavagem de veículos".

Acha que as árvores precisam ser podadas com mais frequência e se diz preocupado com a época das chuvas, "porque as bocas-de-lobo não são limpas e a garagem pode ficar inundada". Todavia, lembra que os seis filhos estudaram na própria quadra, complementando o 2º grau no Colégio Caseb.

"Nunca necessitei levar meus filhos ao colégio de carro. Daqui eles saíram para a universidade".

O diretor do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do DF, Sílvio Cavalcante, conta que a funcionalidade e beleza da quadra têm sua razão de ser. "Os funcionários do Banco do Brasil não queriam ser transferidos para Brasília. Por isso a 308 Sul foi concebida com tamanha perfeição. Sem falarmos que os imóveis, naquele período, eram funcionais e os servidores ganhavam a "dobradinha".

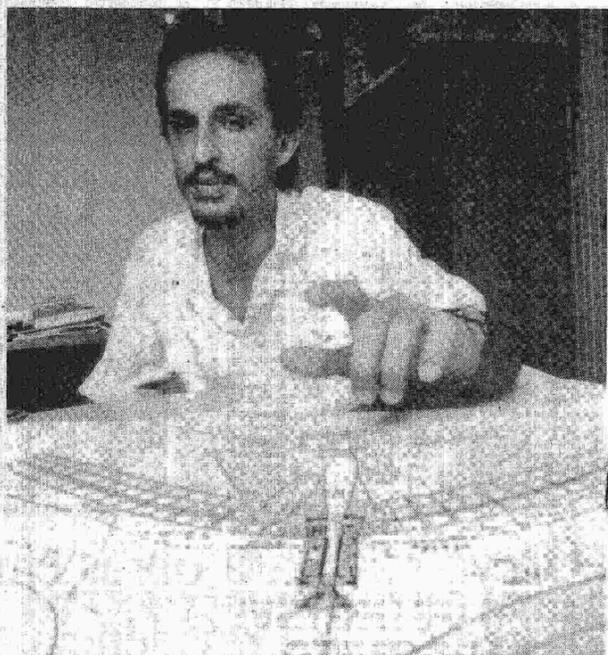
Território dos pássaros

Extrovertida e bastante simples, Hilda Lopes dos Santos, 65 anos, reside na 107 Sul desde 1961 e durante toda a estada na capital nunca viu motivos de queixa contra a cidade. "Gosto de morar nessa quadra. Acordo com os passarinhos cantando e aqui é bem arborizado. Só posso me alegrar".

Em sua opinião, um dos maiores atrativos na superquadra constitui-se no espaço que os 11 filhos tiveram oportunidade de utilizar na infância e adolescência. Transferida do Rio de Janeiro pelo Ministério da Agricultura, ela não se arrepende, "embora meu ex-marido jamais tenha gostado daqui".

Lembra que comprou o imóvel por um preço bastante barato e que, em comparação com o subúrbio em que vivia no Rio, "tão tumultuado", Brasília é um paraíso.

"Tenho medo da solidão. Estou ficando velha", diz ela. Mesmo assim, embora viva hoje com os dois filhos mais novos — de 22 e 24 anos — procura não dar vazão aos temores. Nos finais de semana, principalmente, sua casa está sempre cheia. "Tenho muitos amigos e gosto de passear". Hilda possui ainda outra grande fonte de estímulo para se orgulhar da vida — os 19 netos: "O mais velho vai fazer 15 anos".



Sílvio Cavalcante: "Era como uma cidade do interior"

Praça já não é do povo

As primeiras quadras de Brasília se localizavam no centro da Asa Sul. Durante 10 a 15 anos, essa área era o pólo cultural da cidade. "Em torno desse lugar existiam a Igreja N.S. de Fátima, o Cine Brasília, o restaurante do grupo Trabalho de Brasília, o Cine Cultura, na 507 Sul, e a Escola-Parque", lembra Sílvio Cavalcante.

A Escola-Parque, entre a 307 e 308, foi o primeiro cine-clube da capital, abrindo espaço a filmes internacionais, ao Cinema Novo e a shows de Bossa-Nova. "Era como uma cidade do interior, onde todos se encontravam", conta ele. Em 59, este centro cultural, somado ao espírito da unidade de vizinhança, exercia forte poder de atração sobre a população.

Sílvio Cavalcante ressalta, ainda, a Praça 21 de Abril, na 708 Sul, que antes era apenas uma área livre limitada ao

atendimento dos moradores das 700. "Ela passou a ter significado enquanto espaço de circulação e encontro da jovem população de Brasília, na medida em que era passagem obrigatória para os estudantes secundaristas, que se deslocavam do Centro de Ensino Elefante Branco em direção à W/3 Sul".

Nas décadas de 60 e 70, a praça terminou por transformar-se em palco de acontecimentos políticos, "resultado que foi do espírito crítico da jovem população de Brasília", conta ele. "Entretanto", acrescenta, "no decorrer do tempo, a cidade passou a oferecer novas opções de cultura, lazer e comércio. Construíram-se novos centros de compra, abriram-se outros cinemas, casas de espetáculos teatrais e salas de exposições. Fecharam-se as portas do Cine Cultura e do Centro de Criatividade".